



Ocorrência de febre amarela na Região Norte durante os anos de 2006 a 2016

Bruna Amorim Galvão¹, Esther Kurtz Gomes², Karlla Oliveira Silva³, Ludmila Consoline de Souza⁴, Tauany Mendes Caldeira⁵ e Aliny Pontes Almeida^{6*}

¹ Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: brunnagalvão45@gmail.com

² Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: estherkurtz375@gmail.com

³ Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email : karllabcn@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: tauanygty@gmail.com

⁵ Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: ludmilaconsoline810@gmail.com

^{6*} Professora orientadora, Doutora em biologia experimental pela UNIR, Mestre pela USP e Graduada em Medicina Veterinária pela UVV. Docente no Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – AFYA, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: aliny.torchitte@saolucasjiparana.edu.br.

1. Introdução

Classificada como infecciosa não contagiosa causadora de surtos periódicos e de risco para a saúde pública a febre amarela é uma doença endêmica ou enzoótica presente nas florestas tropicais da América e África, sendo na América do Sul o Peru (51,5%), a Bolívia (20,1%) e o Brasil (18,7%). Transmitida ao homem mediante a picada de insetos hematófagos da família Culicidae, em especial dos gêneros Aedes e Haemagogus, ela tem primatas não humanos como hospedeiros amplificadores (VASCONCELOS, 2002).

A febre amarela silvestre no Brasil é considerada endêmica na região amazônica, sendo constatados que na região extra-amazônica são registrados frequentemente períodos epizooticos/epidêmicos, formando assim novas reemergências do vírus no país. (BARBOSA, 2021). Surto podem ocorrer com frequência irregular quando existem condições adequadas para a transmissão, como o aumento na temperatura e umidade. (BENCHIMOL, 1994).

Segundo OLIVEIRA et al. (2013), os pacientes mais acometidos são geralmente indivíduos jovens, do sexo masculino, realizando atividades agropecuárias e de extração de madeiras, com comum entrada em matas sem vacinação prévia

A cobertura vacinal proporcionou resultados estaticamente expressivo, sendo que as maiores médias corresponderam ao estado de Rondônia, cuja a maior média foi no ano de 2016. Por tanto graças ao investimento do governo em prevenções contra a febre amarela, a região que é norte considerada endêmica, trouxe resultados impressionantes. Sendo assim podemos perceber a diminuição de casos da febre amarela notificados nesta região (Gato AZS, et al., 2021)

Devido a Região Norte ser endêmica o presente estudo epidemiológico objetificou a análise de dados através do DATASUS a fim de obter suposições quanto a suscetibilidade entre as variáveis idade, sexo e realizando um comparativo entre os estados da Região Norte endêmicos para a zoonose Febre Amarela, durante os anos de 2006 e 2016.

2. Materiais e métodos

Os dados para o trabalho epidemiológico foram coletados através do DATASUS, disponível na web. As informações foram delimitadas entre faixas etárias (15-19 e 20-39 anos)

nos estados RO, RR, AC, AM, PA, TO, AP da região norte do Brasil. Realizando um comparativo dos estados. As variáveis utilizadas foram: idade, sexo e região. As informações estão expostas em gráficos para melhor visualização

Para a coleta dos dados foi acessado o site do DATASUS TABNET e selecionado epidemiológicas e morbidade em seguida selecionado as doenças e agravos de notificação de 2006 e 2007 em diante, foi selecionado a patologia a ser estudada, que seria febre amarela e também a abrangência geográfica que foi Brasil por região UF e município. Após todas as coletas de dados, foram realizados a montagem de gráficos e tabelas mais especializada para melhor visualização das informações.

Para análise do estudo foi realizado um estudo prévio sobre a febre amarela, seus vetores, agente etiológico, e etiopatogenia. Tendo em vista os dados coletados foram que foram escolhidos as variáveis analisadas, região e pergunta norteadora: qual seria a ocorrência nas variáveis idade e sexo na região norte.

3. Resultados e Discussões

Através dos dados coletados e apresentado nas figuras 03 e 04, é notável que grande parte dos infectados são homens e jovens na faixa etária entre 15 a 39 anos. E quando realizado o cálculo de prevalência foi observado nessa região um valor de Norte com 0,000095%, colocando-o em terceiro lugar quando comparado as outras regiões do Brasil, onde Centro Oeste lidera com 0,000233%, seguido da região Sudeste com 0,000106 por último tendo Sul com 0,000082%.

Figura 1-Ocorrência de Febre Amarela na Região Norte por faixa etária.

Fonte: DATASUS

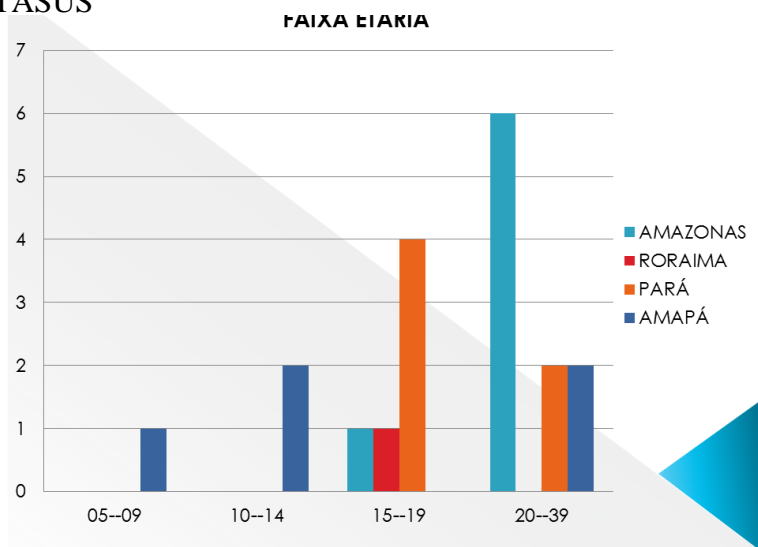
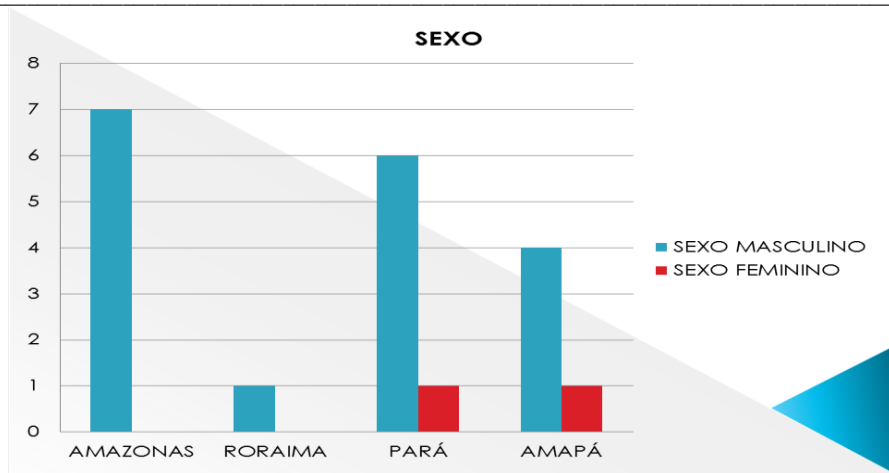


Figura 2-Ocorrência de Febre Amarela na Região Norte por Sexo.



Fonte: DATASUS

4. Considerações finais

Através do presente estudo observou-se que os mais acometidos pela doença são de homens de 15 a 39 anos. Norte representa uma importante região de endemismo da doença, sendo assim os resultados encontrados contribuem com o desenvolvimento de estudos epidemiológicos sobre o assunto, bem como indica a necessidade de intensificação das medidas de prevenção voltadas para a saúde da população humana e dos animais silvestres.

5. Referências

BARBOSA, Talita Costa et al. Prevalência de mortalidade por febre amarela nas diversas regiões do Brasil no período de 2015 a 2018 de acordo com dados do DATASUS. **Brazilian Journal of Infectious Diseases**, 2021.

BENCHIMOL, Jaime Larry. História da febre amarela no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 1, p. 121-124, 1994.

GATOA, Z. S et al. Vacinação contra a febre amarela nos Estados da Região Norte do Brasil: uma análise entre 2010 e 2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 7, p. e8249, 13 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ana Cristina Vanderley et al. O que o reumatologista deve saber sobre a vacina contra febre amarela. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 53, n. 2, p. 206-210, 2013.

SANTOS, Gabryella Cardoso; SALES, Orcélia Pereira; BARBOSA, Edilma Fiel. O DESAFIO DA FEBRE AMARELA NA SAÚDE PÚBLICA DO BRASIL. **Multidebates**, v. 5, n. 3, p. 184-188, 2021.

VASCONCELOS, Pedro Fernando da Costa. Febre amarela: reflexões sobre a doença, as perspectivas para o século XXI e o risco da reurbanização. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 5, p. 244-258, 2002.